

ARGUMENTO DO DOCUMENTÁRIO *JACÓ GUINSBURG – UM INTELLECTUAL EM CENA.*

Autor: Evaldo Mocarzel.

O filme começa com imagens do bairro do Bom Retiro, em São Paulo, no início do século passado, e fotografias do escritor, editor e tradutor Jacó Guinsburg menino e adolescente captadas nesta região onde ele foi criado. Voz em off de Jacó contextualizando o Bom Retiro, falando da comunidade judaica e do período em que morou no bairro durante a infância e a juventude. A montagem utiliza imagens do acervo pessoal da família Guinsburg e o espectador vai pouco a pouco destacando a figura do intelectual nessas fotografias antigas.

Corta para entrevista com Jacó Guinsburg realizada em seu apartamento em São Paulo. Ele fala das suas grandes paixões da juventude, a História e a Política, lembra que foi tecelão, trabalhou em fábricas e fez curso de mecânica no Liceu de Artes e Ofícios. Confessa que não foi um bom aluno e que se formou graças a um “madureza” (curso para jovens e adultos que ministrava disciplinas dos antigos ginásio e colegial), mas que sempre gostou de ler e de frequentar “rodas de intelectuais”. Montagem encadeia novas fotografias de Jacó Guinsburg na juventude.

A entrevista segue e o intelectual lembra que o início da sua carreira foi na editora Rampa. “Eu sempre fui apaixonado por literatura e política”, diz, ressaltando a sua profunda admiração pelo escritor Graciliano Ramos, além dos romancistas russos, franceses e de obras escritas na língua ídiche, idioma com o qual se comunicava com seus pais. Jacó afirma que também se formou na Casa do Povo, no Bom Retiro, onde havia uma excelente biblioteca com muitos títulos com forte inclinação socialista.

“Era esse o mundo que me atraiu e eu canalizei tudo para o meu trabalho na editora Rampa”, confessa, assegurando que jamais pensou em ser professor. Era um “rato de livraria” que acabou se direcionando para o jornalismo e para a literatura. Jacó entrou em conflito com os sócios na editora Rampa nos anos 1960 e depois conheceu Paul Monteil, o criador da Livraria Francesa em São Paulo. “Ele foi um engenheiro que veio ao Brasil para dirigir

uma tecelagem”, conta. “Era um homem de esquerda e acabou promovendo uma greve na própria fábrica que ele dirigia”, lembra. Jacó conta que Paul Monteil criou a editora Difusão Europeia do Livro (Difel) e o chamou para trabalhar com ele. Juntos, publicaram o rico acervo da editora portuguesa Bertrand e mais de 200 volumes da Presse Universitaire de France. Na Difel, trabalhou com o sociólogo Leôncio Martins Rodrigues, com o filósofo Bento Prado e com Vítor Ramos, que foi professor de literatura francesa na Universidade de São Paulo (USP), também pai do artista plástico Nuno Ramos. “Nós editamos coleções muito importantes como a História da Ciência e a História da Pintura”, diz, assegurando que toda essa experiência o preparou para abrir a editora Perspectiva, mas, antes, após se separar de Paul Monteil, morou durante um ano e meio na França, onde procurou ver toda a programação teatral de Paris, consolidando outra paixão que o acompanharia por toda a vida, como editor e também como crítico e professor: o teatro.

Em sua entrevista, Jacó Guinsburg conta que, ao voltar ao Brasil, concentrou seus esforços na criação da Perspectiva, mas sem dinheiro nenhum para tal empreitada. “A gente vendeu o projeto de uma coleção judaica de 13 volumes, sem a menor garantia de que conseguiríamos publicar”, lembra às gargalhadas. A editora começou com duas vertentes: além da coleção judaica, a famosa coleção Debates, hoje com mais de 300 títulos.

Jacó publicou literatura e poesia dos principais autores da língua hebraica, ídiche e ainda obras de escritores judeus que escreveram em outras línguas. Já a coleção Debates começou com o seguinte conceito: publicar o pensamento brasileiro de ponta na época e o primeiro título foi *A Personagem de Ficção*, um “boletim” da Faculdade de Filosofia da USP com textos de Antonio Cândido, Anatol Rosenfeld, Décio de Almeida Prado e Paulo Emílio Salles Gomes.

“Foi uma espécie de manifesto”, afirma. “Além de apontar em direção a uma das principais vertentes da editora, foi criado um vínculo entre aqueles intelectuais”, diz. “Nós queríamos publicar a discussão crítica que pegava fogo naquele momento, muito influenciada pelo estruturalismo, que tinha uma circulação muito restrita no Brasil na época”, lembra.

Jacó Guinsburg conta em sua entrevista que, na juventude, gostava muito de teatro como entretenimento e que foi pouco a pouco sendo contaminado pelo moderno teatro brasileiro, principalmente pelo trabalho de companhias como Os Comediantes e o Teatro Brasileiro de Comédia (TBC). “Eu furava o Teatro Municipal para ver Cacilda Becker e Maria Della Costa, que era uma mulher belíssima”, recorda-se. “Eu vi o Hamlet do Sérgio Cardoso no Municipal e éramos uma espécie de fregueses do Chiquinho, que era o chefe da portaria do teatro”, conta rindo.

Corta para imagens de arquivo do casamento da filha de Jacó Guinsburg, Ruth, matrimônio judaico em que o pai emocionado faz um belo discurso, recitando trechos de um poema da sua cultura.

Voltamos à entrevista de Jacó Guinsburg em seu apartamento em São Paulo. Ele lembra que a sua paixão pelo teatro começou a se intensificar quando traduziu *O Dibuk*, peça da tradição judaica que se tornou um clássico da literatura mundial. “Foi a minha primeira iniciação no universo teatral”, confessa. “Eu trabalhava como redator na revista Brasil Israel e me pediram para fazer a crítica de um espetáculo que veio ao Brasil com o grande ator norte-americano Maurice Schwartz porque eu havia traduzido *O Dibuk*”, conta. Jacó depois foi convidado para escrever mais quatro artigos para o jornal O Estado de S. Paulo e assim começou a sua carreira como jornalista e crítico de teatro.

Em sua entrevista, Jacó analisa a sua relação com as artes cênicas e discorre sobre a sua atuação como crítico de teatro: inicialmente, a sua reação como espectador à obra que acaba de assistir e depois a necessidade de historicizar para o leitor o espetáculo e o autor. Seu compromisso: dar a sua opinião, o que pensou, o que racionalizou após assistir ao espetáculo. “O crítico é um espectador instrumentado e de certo modo um ator passivo”, diz. “Há um lastro de impressões nas nossas interpretações. Não há um receituário para o crítico. É também um problema de personalidade, de empatia, de sensibilidade para o que toca o crítico, pois tudo isso que ele pensa e reflete pode passar completamente despercebido para um outro espectador. Em primeiro lugar, o crítico tem que ser honesto consigo mesmo”, ensina.

Jacó ressalta que, interiormente, nos rendemos a “injunções” de várias ordens: simpatia e amizade com os artistas, por exemplo, e daí surgem problemas de ordem ética. “Até que ponto podemos ceder a esse tipo de injunção?”, questiona. “Se eu não falo bem de um ator que é meu conhecido, talvez eu possa acabar com uma amizade, mas, se eu não digo o que penso, isso se torna uma falta muito grave”, pondera. “O crítico precisa ser honesto consigo mesmo. Qual é o parâmetro? Você mesmo. O que te satisfaz? A sua obrigação com o público é maior do que com você mesmo? Essa é a grande questão. O crítico erra, erra muito, mas também acerta”, afirma, ressaltando que não existe uma crítica absoluta, infalível, mas sim uma crítica que tem mais visão e outra que tem mesmo visão.

Corta para imagens antigas da Escola de Arte Dramática (EAD), onde Jacó começou a dar aulas após a saída de Décio de Almeida Prado, e também para fotografias de Alfredo Mesquita, fundador da instituição que depois passou a fazer parte do Departamento de Cinema, Rádio e TV da Universidade de São Paulo como curso profissionalizante para atores e atrizes.

Voltamos à entrevista de Jacó Guinsburg. Ele fala das reuniões que eram realizadas na suntuosa casa de Alfredo Mesquita, que tinha uma estátua de Rodin na entrada. O intelectual lembra que Alfredo era muito inteligente, irônico, com jeito de lorde inglês, mas formado no teatro francês. “Era um liberal, mas muito rigoroso na cobrança”, lembra. “No final do ano, reunia alunos e professores e fazia um balanço das atividades criticando inclusive os professores na frente dos alunos”, recorda-se. Jacó afirma que Alfredo Mesquita militava por um teatro francês que foi inovador em décadas passadas, mas que havia detestado espetáculos revolucionários como *O Cemitério de Automóveis*, de Fernando Arrabal, com direção de Victor García. “Alfredo foi morar na Europa e se demitiu com uma carta que escreveu no navio”, conta.

Jacó fala um pouco do seu método de trabalho como professor em sala de aula, tanto na EAD quanto na USP. “Eu sempre criei uma relação dialógica, jamais monológica”, garante. Ele dava aulas ao redor de uma mesa e todos debatiam temas ligados à estética teatral. “Estudávamos teoria, dramaturgia e a

parte cênica propriamente dita, mas era uma discussão de natureza crítica, não apenas descritiva”, ressalta.

Corta para registro de homenagem-performance que ex-alunos de Jacó Guinsburg fizeram em comemoração ao aniversário do professor e orientador, do qual participaram nomes importantes da cena paulistana contemporânea como Antonio Araújo, Cibele Forjaz, Maria Thaís e Abílio Tavares, entre muitos outros.

Voltamos à entrevista de Jacó Guinsburg. Ele reflete um pouco sobre o próprio teatro. “O teatro nasce nos primeiros rituais da humanidade”, filosofa. “A origem antropológica do teatro está perdida no tempo”, diz. Para ele, o teatro não está no espaço, mas em nós mesmos. “O desdobramento do teatro está no nosso próprio sentimento, no nosso olhar para nós mesmos e na maneira de olhar o outro como representação de nós mesmos”, diz.

Jacó volta a falar da sua atuação como professor, como orientador de tantas alunas e de tantos alunos, muitos tiveram suas dissertações, teses e pesquisas publicadas na editora Perspectiva, que tem um dos mais importantes acervos críticos e ensaísticos do Brasil. “Eu lia os capítulos que os alunos me entregavam e procurava ajudá-los a encontrar os pontos internos mais importantes de suas pesquisas, principalmente a hipótese e a conclusão”, conta. “Quase sempre a gente encontra a hipótese depois de escrever a conclusão”, brinca, dando gargalhadas. O professor detalha em seguida o seu cuidado como orientador de tantas teses e dissertações, sempre tentando ampliar teoricamente as pesquisas dos seus alunos e alunas. “Na verdade, ninguém ensina ninguém. Você se autoensina”, garante.

Corta para montagem de fotografias de Antônio Cândido, Décio de Almeida Prado, Paulo Emílio Salles Gomes e Anatol Rosenfeld. Voz em off de Jacó Guinsburg volta a falar da convivência com os maiores intelectuais da sua geração, que canalizaram a sua vertente ensaística para o Suplemento Literário do jornal O Estado de S. Paulo, onde havia muito espaço para a reflexão crítica.

A montagem agora encadeia imagens de Décio de Almeida Prado. Voz em off de Jacó Guinsburg relembra a dignidade do crítico teatral, que tomava chá todo final da tarde, mesmo se

surgisse na redação do Estadão o presidente da república naquele horário sagrado para ele. “Era um homem muito digno. Eu me lembro que, em 1964, após o golpe militar, a política das redações pregava a caça aos comunistas. O Anatol Rosenfeld tinha pecha de comunista, embora não fosse. Mandaram demitir o Anatol e o Décio não cedeu, colocou o seu cargo de editor à disposição e conseguir reverter a situação”, revela. “Era um homem modelar. Frequentava o Nick Bar, o bar do TBC. Era um quatrocentão, mas extremamente democrático”, elogia.

A montagem utiliza agora fotografias de Anatol Rosenfeld. Voz em off de Jacó Guinsburg conta um pouco da trajetória desse grande intelectual alemão que emigrou para o Brasil fugindo do nazismo. “O Anatol me contou que ele falou francês na rua e acabou preso pelos nazistas”, lembra. “Ele conseguiu fugir para a Bélgica, onde começou a preparar o seu doutorado, mas acabou vindo para o Brasil. O Anatol foi uma grande referência literária e teatral no Brasil. Tinha um sorriso doce e irônico, com uma capacidade lógica extraordinária, mas não era verborrágico. Falava várias línguas e escrevia muito bem em português. Não era marxista e foi crítico do pensamento de Jean-Paul Sartre. Era um profundo conhecedor do pensamento e da obra de Bertolt Brecht, mas não ostentava de modo algum a sua erudição. O que sabia de Brecht ainda hoje os brechtianos não sabem”, garante.

A montagem utiliza agora fotografias de Sábato Magaldi. Voz em off de Jacó Guinsburg lembra quando conheceu o crítico teatral, profundo conhecedor da obra de Nelson Rodrigues. “Eu conheci o Sábato na redação do Estadão. O Décio era o crítico e o Sábato conseguiu um emprego como redator”, conta. “Quando o Sábato lançou o *Panorama do Teatro Brasileiro* pela editora Difusão, ele me pediu para escrever a orelha”, lembra. “Ficamos muito amigos. Além da convivência na redação do Estadão, nós dois éramos professores na Escola de Arte Dramática”, diz.

A montagem utiliza agora fotografias de Paulo Emílio Salles Gomes. Voz em off de Jacó Guinsburg conta que ele, Jacó, publicou o romance de Paulo Emílio pela editora Perspectiva: *Três Mulheres de Três Pppês*. “Eu bolei uma capa com três falos e os herdeiros dele não me perdoam até hoje”, revela. “Paulo Emílio fez parte da Aliança Nacional Libertadora. Era um tribuno

extraordinário. Era comunista, foi preso político, mas, em uma quarta-feira de cinzas, conseguiu fugir do presídio político no bairro do Paraíso e foi para a França”, lembra. “Também tive muito contato com Paulo Emílio na Escola de Comunicação da USP. Ele ficou conhecido pela sua luta pelo cinema, mas tinha muita qualidade como escritor. Era um homem muito corajoso. Defensor das próprias ideias, com quem tínhamos grandes diálogos. A sua tese de doutorado sobre Humberto Mauro foi publicada pela editora Perspectiva”, diz.

Voltamos à entrevista de Jacó Guinsburg em seu apartamento em São Paulo. Ele fala agora da crise do drama, do chamado “teatro pós-dramático”. “Toda essa crise do drama não expulsa o drama da arte e da vida”, pondera. “O teatro é uma experiência, é a presentificação da própria experiência. No teatro, tudo é sempre uma experiência. Mesmo repetindo, a cada nova repetição, tudo é sempre uma nova experiência”, argumenta. Para ele, o espectador é um “ator passivo”. E o ator, um espectador de si mesmo, trabalhando na sua atuação com a sua própria experiência. “Acho que a cena contemporânea promoveu uma democratização dos meios teatrais, explorando todas as possibilidades do uso do espaço cênico, da corporalidade e da linguagem”, diz.

Montagem encadeia agora imagens da família de Jacó Guinsburg: com a esposa Gita Guinsburg, filhos e netos. Voz em off de Jacó Guinsburg fala de família, de religião e dos mistérios da existência humana. “Não me sinto com poder para dar nenhum tipo de resposta”, confessa. “Quando me perguntam sobre a morte, a única coisa que tenho a dizer é: ‘Desconjuro!’”, brinca, dando gargalhadas do alto dos seus 93 anos. A montagem continua com fotografias de família e a voz em off de Jacó é substituída pela voz de Gita Guinsburg, que fala da longa convivência com o seu amado companheiro.

Corta para entrevista com Jacó e Gita Guinsburg. Gita fala da sua paixão pela ciência, pela astronomia, pela geologia, pela concretude da natureza, e depois Jacó discorre sobre a sensibilidade poética da esposa. Como escritor, tradutor, editor e professor, Jacó confessa que todos os seus esforços na vida foram tentativas de fazer um gol de bicicleta parecido com o do jogador Leônidas. O documentário termina com a cumplicidade, o amor e a

parceria do casal que marcou profundamente a vida intelectual brasileira com o idealismo com que conduziram a editora Perspectiva.